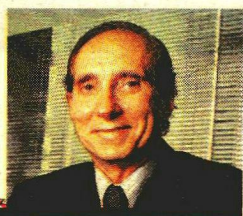


JULIO GOMES DE ALMEIDA

Professor do Instituto de Economia da Unicamp e

Ex-Secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda



Economia - Brasil

Brasil Econômico

Comércio, indústria e crescimento

17 FEV 2014

32 Brasil Econômico Segunda-feira, 17 de fevereiro, 2014

O ano de 2013 assistiu à redução do diferencial entre o crescimento das vendas reais do varejo e o aumento da produção da indústria. Para se ter ideia, em 2012 este diferencial foi extremamente elevado, pois para um crescimento de 8,4% do chamado “varejo restrito”, a produção industrial caiu 2,6%. Em 2013 o quadro mudou: o “varejo restrito” evoluiu 4,3% (o “varejo ampliado”, que inclui o comércio de automóveis e de material de construção, cresceu 3,6%) e a produção da indústria voltou a ter elevação, no caso, de 1,2%.

A diferença entre os dois índices é vista como sintoma da intensidade como o mercado consumidor de bens é abastecido pelo produto importado. Um grande descompasso entre vendas do varejo e produção da indústria informa que há falta de capacidade produtiva ou de competitividade da produção doméstica para abastecer o mercado interno; já um diferencial baixo sugere o contrário, ou seja, que a produção interna é capaz de satisfazer mais amplamente o mercado interno.

Em 2013 a concorrência do importado ainda foi intensa porque o mercado interno cresceu a taxas menores, mas é possível que a competitividade da indústria tenha melhorado

O crescimento econômico é afetado por uma ou por outra situação. Na primeira, a produção nacional reage pouco aos estímulos do mercado interno consumidor, que “vazam” para o exterior. Essa é outra forma de dizer que o multiplicador da renda é relativamente mais baixo. No segundo caso, por intermédio da produção industrial, o aumento do consumo rebate para os demais segmentos econômicos amplificando o estímulo original. Pois bem, o Brasil chegou a apresentar uma situação em que, segundo uma estimativa do Banco Central, todo o aumento da demanda por bens industriais foi atendido por importações. Isso ocorreu em 2011, mas certamente também em 2012, contribuindo para o baixo crescimento do PIB nesse período. Em 2013 a concorrên-

cia do importado ainda foi intensa porque o mercado interno consumidor cresceu a taxas menores, mas é possível que a competitividade da indústria tenha melhorado em razão da desvalorização da moeda.

Sobre a trajetória recente do varejo outros dois comentários são pertinentes. Em primeiro lugar, o crescimento do varejo nacional pode ter mudado para um padrão mais baixo em 2013, mas ainda assim com bom dinamismo. No ciclo anterior, compreendendo os anos de 2004 a 2012, um especial contexto de elevação do número de pessoas ocupadas, do rendimento médio do trabalho e do volume de crédito propiciou acréscimo médio das vendas superior a 8%. Agora, deve ser menor, dados os mais modestos resultados de crescimento do emprego e da renda e relativa contenção do crédito. Pode ser algo como 4,5% a 5%, considerando-se que na média do ano passado a evolução chegou a 4,3% e que nos meses finais daquele ano as taxas de elevação foram pouco superiores a 5%.

Em segundo lugar, alguns dos mais destacados segmentos do varejo em 2013 podem não repetir o desempenho neste ano. O setor de alimentos e bebidas, cujo aumento de vendas no ano passado foi de apenas 1,9%, pode ter crescimento maior se não se repetir a forte desaceleração ocorrida no primeiro semestre do ano passado, quando uma grande alta dos preços de alimentos desbalanceou os orçamentos familiares das camadas de menor renda. Por outro lado, o setor de produtos farmacêuticos, produtos médicos, perfumaria e cosméticos, que há sete anos não cresce abaixo de 9% e que em 2013 avançou 10,2%, pode vir a perder ritmo.